

### 3 Fronteiras do Exílio

Militantes, intelectuais, professores, deputados, jornalistas, políticos, operários, camponeses, esposas, irmãos, mães, pais, filhos. Seria impossível dar somente um rosto para os exilados brasileiros. Por serem diversos, e também terem estado divididos em certas ocasiões, muitos são os olhares sobre esta experiência. Alguns irão dizer que foi o melhor período de suas vidas, e outros avaliam como um grande atraso em suas trajetórias<sup>1</sup>. É desnecessário dizer que o olhar de um adulto é diferente da ótica de uma criança, mas é importante ressaltar que ao lidarmos com um caso tão específico como este de um exílio político, as diferenças parecem ser definitivas, e não ilustrativas.

Um dos motivos dessa multiplicidade do exílio se deve ao fato da esquerda brasileira ser bastante diversa nos anos sessenta e setenta. Talvez seja mais coerente falar em esquerdas ao invés de Esquerda, se levarmos em conta os distintos grupos e diferentes diretrizes ideológicas. Por todo o Brasil, nos estados e cidades, multiplicavam-se movimentos políticos, que mantinham sua individualidade, mesmo se tivessem uma afinidade política. É importante perceber que a militância estudantil teve formas de atuação diferentes daquelas assumidas por um sindicato operário, que por sua vez se organizava distintamente de um partido político, que não tinha a mesma prática que as ligas camponesas.

O universo das crianças também era bastante diverso. Os que fizeram parte da geração de 64, banidos com seus pais na época do golpe, viveram praticamente toda sua

---

<sup>1</sup> Maria Cristina FERNANDES. Filhos do Exílio. *Época*. São Paulo, 14 jun. 1999. Pp. 46-53.

infância e adolescência fora do Brasil. Quando chegou a hora da geração de 68 levar seus filhos para o exílio, ou gerá-los durante este período, algumas das crianças exiladas com a geração de 64 já eram adolescentes, ou entravam na vida adulta. Houve os que nasceram no exílio, os que foram levados pequenos, os que voltaram ainda crianças, e aqueles que entravam na adolescência. Houve também os filhos que não ficaram no Brasil depois da volta, e decidiram morar no país antes de exílio, e que agora consideravam seus lares.

As interpretações serão sempre distintas, afinal lidamos com seres humanos que são diferentes por natureza. No entanto, se pensarmos sob o ponto de vista de uma experiência política, as diversas visões são significativas para a compreensão desta geração aqui chamada de *Herdeiros do Exílio*. Este caso não deve ser pensado em relação ao ano que o exílio começou ou teve fim, mas sim, como propõe Sirinelli, a partir de um evento histórico que deu início a esta geração de filhos de exilados<sup>2</sup>.

Certamente uma significativa diferença de idade não deve ser ignorada. A avaliação de uma criança nascida no exílio será bem distinta daquela feita por alguém que foi obrigado a sair do seu país. A trajetória pessoal também traz elementos importantes, pois o país, as cidades, ou até mesmo os continentes em que viveram, modificam o olhar em relação ao episódio do exílio. Esses apontamentos devem ser destacados, pois mesmo que não seja objetivo deste trabalho refletir sobre a constituição de duas gerações de filhos de exilados, a idade se reflete em questões como a adaptação, relacionamentos familiares, processo de desenraizamento, entre outros.

É certo também que a marca do exílio em um não será a mesma em outro. Quando avaliadas as experiências dos militantes, os registros já existentes tendem a ressaltar mais os aspectos negativos que os positivos. As perdas recebem mais ênfase que os ganhos, o que não significa que a vivência do exílio foi totalmente negativa. No que diz respeito às impressões dos filhos muitas vezes o mito de uma experiência traumática e dolorosa é derrubado. Na maioria dos casos aqui abordados, em suas memórias permaneceu a experiência de uma vida com uma trajetória diferente, nem boa nem ruim. Ainda que os episódios mais críticos tenham deixado marcas de dor e violência, isto não excluía momentos de alegria e de muita felicidade. A dupla face do exílio manteve-se presente em muitas experiências de filhos de exilados.

---

<sup>2</sup> A discussão sobre geração foi feita no capítulo anterior. Ver Jean-François SIRINELLI. *Op. Cit.*

Na experiência de PR, a ambigüidade que parece definir os casos de exílio compõe sua trajetória. Ela descreve sua vida no Chile como uma experiência muito boa, que teve um triste fim com o golpe militar:

“O Chile foi um período maravilhoso. Vivíamos intensamente aquele momento de alegria. Estávamos juntos novamente. No dia da eleição do Allende, apesar de ter apenas oito anos, fui contagiada pela alegria dos meus pais. Meu pai levou a gente para as ruas para vermos as manifestações. Fomos em frente ao Palácio da Moneda assistir o discurso do novo presidente”<sup>3</sup>.

Em Santiago a família conseguiu se reerguer. O pai de PR montou uma bem sucedida rede de livrarias, e o cotidiano de uma vida familiar era vivenciado. As crianças iam à escola, faziam novas amizades, os pais trabalhavam, recebiam amigos, cuidavam dos filhos.

O golpe de Pinochet, no entanto, teve conseqüências graves para a família de PR. Seu pai mais uma vez estava entre os mais procurados pelos militares, e os preparativos para uma nova fuga foram iniciados. Um dos episódios mais dramáticos que viveram foi a prisão de seu irmão DDR, detido pelos militares enquanto estava numa reunião na casa de amigos. Com o nome muito parecido com o de seu pai, e identificado em seus documentos como *refugiado*, uma vez interrogado pelos policiais, não teve como escapar da prisão. Com dezessete anos, ele foi levado para diversos lugares antes de chegar ao seu destino final, o *Estadio Nacional*.

Durante três meses DDR viveu os terrores da repressão chilena. Convivia com milhares de presos políticos, e juntamente com eles sofreu a tensão que aquele lugar oferecia. Os interrogatórios não demoraram e o rosto da tortura logo pôde ser identificado.

Enquanto a mãe se refugiava em abrigos organizados pela ONU com os irmãos, e o pai estava asilado na embaixada do Panamá com um dos filhos, DDR continuava preso sem poder dar notícias à família:

“Quando meu irmão ‘caiu’ foi muito complicado porque nós ainda estávamos sem ter notícias muito precisas do paradeiro do meu pai. Tivemos que sair de casa e pedir refúgio. Era apavorante, pois o lugar que nós ficamos, um convento conseguido pela ONU, era muito próximo do Estadio Nacional. Nós ouvíamos rajadas de metralhadora, e cada vez que

---

<sup>3</sup> Entrevista de PR. *Loc. Cit.*

tinha um fuzilamento minha mãe desmaiava. Ela tinha certeza que a vez dele tinha chegado. Eu completei quinze anos no abrigo da ONU. Uma idade que toda a menina sonha com festa, e eu naquela situação não tive nada disso. Minha adolescência acabou ali. Cheguei a engordar dez quilos de tanto nervosismo”<sup>4</sup>.

Por pouco o temor de sua mãe não foi verdade. Depois de quase três meses de torturas e ameaças, os militares resolveram aterrorizar DDR e simularam seu fuzilamento. Apesar de não ter sido ferido fisicamente, foi atingido psicologicamente, assim como toda a família. Os dias de paz e tranquilidade no Chile terminaram, e um novo exílio recomeçava. Na memória de PR em cada situação a dor e alegria estavam juntas:

“Foi um alívio saber que meu pai estava asilado, mas um terror não saber se meu irmão estava vivo ou não. Era muito bom ficar no asilo da ONU, porque o lugar era seguro, e estávamos juntos, pelo menos estava com a minha mãe. Mas era muito ruim não saber o que ia acontecer a partir dali. Todo dia mudava a notícia: vamos para o Canadá, vamos para o México. Até que acabou sendo a França. Foi até melhor”<sup>5</sup>

A alegria do reencontro no aeroporto no dia da partida para Paris não aliviava completamente o terror que viveram:

“Foi uma sensação de alívio no aeroporto, mas a tensão continuava, porque estávamos cercados pela polícia. Meu pai chegou com o carro da embaixada do Panamá, e os guardas ficavam fazendo uma espécie de terrorismo psicológico. Falavam que nós não íamos sair, que o avião estava lotado. Foi muito ruim. Mas ao mesmo tempo estávamos os nove juntos de novo (...) Lembro da minha mãe no avião, e fico emocionada até hoje. A expressão dela era muito marcante. Parecia que tinha envelhecido muitos anos, e ela mesma disse isso depois”<sup>6</sup>

Após esses episódios, a repressão política deixou de ser algo apenas relacionado às escolhas políticas de seu pai. O que anteriormente havia sido vivido indiretamente por PR e seus irmãos, agora se tornava uma experiência própria dos mesmos. Até então as lembranças em relação à ditadura brasileira eram vagas, ou inexistentes, construídas através dos livros e do que seus pais contavam. A partir da vivência dos acontecimentos no Chile, os filhos de exilados construíram suas próprias memórias do exílio, e começaram a participar de forma distinta desta história. Flavia Castro teve a iniciativa de rasgar seus

---

<sup>4</sup> Entrevista de PR. *Loc. Cit.*

<sup>5</sup> Entrevista de PR. *Loc. Cit.*

<sup>6</sup> Entrevista de PR. *Loc. Cit.*

desenhos que retratavam manifestações nas ruas de Santiago, Ernesto de Carvalho se percebeu como um *fugido* pela primeira vez, da mesma forma PR sofreu uma crise nervosa que modificou seu corpo, e acabou com sua adolescência.

Entrevistas feitas com irmãos trazem um aspecto diferente para uma pesquisa deste perfil. O fato de um episódio ser vivido por uma família, torna possível verificar diferentes visões sobre um mesmo acontecimento, experimentado de forma coletiva. Foi utilizado no capítulo anterior o relato de RR<sup>7</sup> sobre o abrigo da ONU, e o que podemos verificar é que enquanto ele vivia entre as outras crianças, e inventava jogos e brincadeiras, a irmã mais velha consolava a mãe, e presenciava o seu sofrimento mais de perto. O resultado foi uma reação nervosa em PR, diagnosticada por um médico em Paris. O diferencial aqui é a significativa diferença de idade, que como foi dito anteriormente, não deve ser desprezada. Com oito anos RR viveu o golpe no Chile, enquanto PR completava quinze. As responsabilidades e atribuições eram diferentes, o que implicou em diversificadas interpretações sobre o episódio. Para RR a lembrança não é de um trauma, mas sim de um momento *barra pesada*<sup>8</sup> entre a família. Na memória de PR estavam em jogo muitos elementos que ela tinha que absorver e lidar. A saúde da mãe, cuidar dos irmãos, cuidar de si mesma, entender a impossibilidade de comemorar o seu aniversário, tudo isso fez parte da sua experiência.

### **3.1 Memória e História**

A memória dos filhos de exilados pode ser considerada como uma memória dilacerada no tempo e no espaço devido aos deslocamentos e mudanças freqüentemente vividos. As alterações, não somente de lugar, mas também de identidade, geraram algumas dificuldades em dar seqüência a certos episódios, e longos espaços de tempo muitas vezes não são recordados.

O exílio para muitos coincide com o início de suas vidas, e conseqüentemente com as primeiras lembranças. RR, nascido em 1963, descreve o dia da partida de seu pai para a Bolívia em 64, certamente através do conhecimento que adquiriu daquele fato quando mais velho:

---

<sup>7</sup> Ver o depoimento na página 38.

<sup>8</sup> Entrevista de RR. *Loc. Cit.*

“Tem uma foto que mostra como foi a partida do meu pai. O Santos Dummont todo cercado, todo mundo apavorado. Como se pode ver na foto ninguém estava sorrindo”<sup>9</sup>.

Mesmo assim, apesar de bebê na época, afirma que resquícios ficaram em sua lembrança:

“Eu acho que essa é a lembrança mais remota que eu tenho da minha existência, porque vagamente me vem uma recordação. Não sei se é a foto que me passa isso, mas a sensação de ter vivido aquilo eu tenho”<sup>10</sup>.

MG teve uma experiência de exílio em Cuba, onde morou com a mãe e o irmão. Sua vida na clandestinidade começou ainda muito criança, e depois de fugirem durante dois anos, seus pais perceberam que no Brasil não poderiam mais ficar. Foi quando sua mãe, juntamente com a organização política da qual fazia parte, realizou um seqüestro de avião, e eles chegaram em 1969 à cidade de Havana, depois de cinco dias de viagem. Uma das primeiras imagens que tem é a de sua rápida passagem pelo Peru, em direção a Cuba:

“Eu lembro somente de uma cena vaga no Peru. Eu abri a janela do avião, tinha um monte de gente de verde do lado de fora, e minha mãe pediu para eu fechar a janela, porque a gente não podia ser visto. Eu tinha três anos. Depois eu dou um salto para os cinco anos de idade, e começo a me lembrar das coisas, já em Cuba no apartamento em Miramar. No primeiro ano de Cuba também não me lembro de nada, somente depois de estarmos estabelecidos”<sup>11</sup>.

Em momentos de transição, os filhos precisavam se adaptar rapidamente a diferentes ambientes e situações, afinal suas vidas corriam risco, e qualquer deslize poderia acarretar graves conseqüências para eles e seus pais. Não podiam, por exemplo, utilizar nem seus nomes próprios, nem o de seus pais:

“Praticamente todos os anos meu nome mudava” - relata MG - “mudava sempre o sobrenome, o nome eu não aceitava mudar. Toda vez que a gente encontrava meu pai, como ele ainda estava envolvido com a guerrilha, ele aparecia com nome novo. Eu assumia sempre o sobrenome dele. No colégio eu sempre dava um novo nome, e acho que depois da segunda ou terceira vez a diretora chamou minha mãe, porque achou que eu estava com algum problema de identidade”<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> Entrevista de RR. *Loc. Cit.*

<sup>10</sup> *Idem.*

<sup>11</sup> Entrevista concedida a Tatiana Paiva em 13 de setembro de 2005 no Rio de Janeiro.

<sup>12</sup> Entrevista de MG. *Loc. Cit.*

MG inclusive só foi descobrir o verdadeiro nome próprio de sua mãe no período em que chegaram ao Brasil:

“Eu descobri o nome verdadeiro da minha mãe em 1979. Nós estávamos voltando para o Brasil, quando ela me falou que o seu nome não era ‘Miriam Martins’ e sim ‘MCG’”<sup>13</sup>.

AM experimentou uma situação similar com a sua mãe, pois sua identidade política só foi revelada muito tempo depois. Durante toda sua adolescência AM desconhecia a história política da mãe, e acreditava que o seu exílio fora vivido por conta da opção política de seu pai:

“Eu só fui descobrir que minha mãe tinha seqüestrado um avião, e que fez parte da luta armada aos treze anos. Ela me mostrou uma bolsa com vários recortes de jornal que mostravam os envolvidos no seqüestro, e as notícias do caso. Sabia que ela tinha tido envolvimento com organizações políticas, mas não nesse nível. Ficava pensando se eu poderia falar para as pessoas, se era permitido contar. Não tinha idéia de como aquilo poderia ser visto. Foi um grande impacto, porque naquele momento eu já estava com uma vida estabelecida no Brasil, e nossa história de exílio pertencia ao passado. Quando ela contou sua história tudo veio à tona”<sup>14</sup>.

Foi através da experiência de exílio que ZP conheceu a identidade de seu pai, e soube da importância que ele tinha no quadro político brasileiro, e internacional: “(...) *Eu, pelo menos, fui saber que meu pai era o meu pai mesmo só em Moscou. Pois, aqui, quando íamos visitá-lo, o chamávamos de tio*”<sup>15</sup>.

É significativo identificar esses episódios ao considerarmos que a experiência do exílio oferecia para as crianças como principal referencial seus pais. O convívio com parentes era raro, e a maioria só conheceu a família no Brasil, na época da Anistia. Já que ser criança é estar sujeito a viver de acordo com as escolhas dos pais, não pode ser deixado de lado que na clandestinidade, e no exílio, as escolhas eram reflexos de situações limites. No caso aqui explorado a escolha dos pais construiu a interpretação de suas identidades políticas quando eram ainda muito pequenos.

Para uma criança exilada, a perda de referências ocorria com alguma frequência, e em suas memórias seus pais eram, muitas vezes, a única forma que tinham de se identificar

<sup>13</sup> Entrevista de MG. *Loc. Cit.* O verdadeiro nome da mãe de MG foi ocultado para não ser revelada a sua identidade.

<sup>14</sup> Entrevista de MG. *Loc. Cit.*

<sup>15</sup> Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

com alguma coisa. Se este referencial era modificado constantemente, ou seja, se os nomes de seus pais mudavam muitas vezes, e suas histórias eram aos poucos contadas, para os filhos de exilados uma nova identidade parecia surgir, mesmo que o exílio já estivesse terminado. Suas memórias parecem sofrer alterações a cada nova revelação de suas trajetórias:

“Foi muito complicado descobrir o passado político da minha mãe – relata AM – porque ela se transformou em uma nova pessoa. Eu parei pra pensar toda a nossa história e vi que tudo ganhava um novo sentido. Muita coisa passou a fazer sentido e outras eu comecei a compreender. Depois disso eu comecei a lembrar de coisas que não tinha vivido e que com essa nova informação pareciam muito claras para mim. Muito doido tudo isso”<sup>16</sup>.

A relação entre memória e história pode ser vista em um primeiro instante como algo dado, pois, aparentemente, tratam do mesmo elemento: o passado. Esta temporalidade tão cara para o ofício do historiador, é essencial para o exercício da memória.

Para muitos, o trabalho em história se resume à análise de fatos ocorridos em outras épocas, o que a primeira vista não aparenta ser algo muito complexo, afinal, se o que procuramos já aconteceu precisaríamos somente pesquisar e investigar sobre o assunto. O que a maioria não percebe, e o que o historiador sabe muito bem, é que o passado está longe de ser uno e estável. Ao contrário, esta unidade temporal sofre modificações a todo o instante, e o que hoje parece ser incontestável, amanhã pode não fazer mais tanto sentido, como nos demonstra o exemplo vivido por AM e por MG.

A partir da revelação de suas mães sobre suas identidades, passaram a olhar suas vidas de forma diferente. O que antes era familiar, agora ganhava um novo sentido, o que os levou a refletirem sobre os acontecimentos de suas existências de um novo ponto de vista:

*“O fato da minha mãe ter revelado seu verdadeiro nome somente quando viemos para o Brasil, me fez perceber o quanto era perigosa a sua situação, e conseqüentemente a nossa também. Se ela não podia dizer quem era nem para seus filhos, era porque a coisa toda era muito séria”<sup>17</sup>.*

---

<sup>16</sup> Entrevista de AM. *Loc. Cit.*

<sup>17</sup> Entrevista de MG. *Loc. Cit.*



O exílio parece ter ganhado um novo significado, assim como a história de suas vidas de uma certa forma fora reescrita. O passado já não era mais o mesmo.

Oportunamente, a partir desses exemplos, podemos fazer uso da definição de um geógrafo para compreendermos melhor a relação estabelecida entre o passado e a memória. David Lowenthal define o passado como um país estrangeiro, que pode ser visitado, mas com a consciência de que não é o nosso. Para Lowenthal, o caminho que nos leva ao passado e que nos faz adquirir consciência dele, é aquele que se percorre através da memória, da história e de fragmentos que dele nos restam e aos que denomina “reliquias”<sup>18</sup>. *"Toda memória transmuta experiência, destila o passado em vez de simplesmente refleti-lo"*<sup>19</sup>, resume este autor.

A destilação do passado, feita pela memória, permite que entendamos o tempo passado não de forma estática, mas dinâmica, e podemos compreender também como o passado se organiza em nós em camadas análogas às camadas geológicas. Ao considerar que na idéia de transmutação está presente o atributo de alteração, a memória não pode ser um resgate do passado, e por isso não o reflete simplesmente. O passado ao ser relido pela memória não é a completa apreensão do que um dia ocorreu, uma vez que ele não está congelado a espera de um desencantamento. Diferentes etapas serão postas em cena a partir da destilação que a memória nele provoca.

A relação entre memória e história não fica muito atrás desta reflexão feita por Lowenthal. Passamos a lidar com algo semelhante, pois, uma vez que memória pode ser erroneamente igualada à percepção do passado, frequentemente a história é percebida como um reflexo da memória. Por sorte, alguns pensadores e historiadores já se debruçaram sobre esta temática, e facilitam nosso trabalho sobre um assunto tão denso.

No que diz respeito à temática da relação entre memória e história, Pierre Nora esclareceu: *"Longe de serem sinônimas, tomamos consciência de que tudo as opõe"*<sup>20</sup>. A memória parece nos pregar peças a todo o momento, pois em muitos casos temos certeza de que algo aconteceu, mas se verificarmos com mais atenção, percebemos nosso engano.

<sup>18</sup> David LOWENTHAL. Como conhecemos o passado. In: *Projeto História nº 17 Trabalhos da Memória*. São Paulo: PUC-SP, 1998. Pp. 65-66.

<sup>19</sup> Idem, *Ibidem*. p. 94.

<sup>20</sup> Pierre NORA. Entre a História e a Memória: A problemática dos lugares. In: *Revista Projeto História nº 10*. São Paulo: Educ/PUC-SP, 1981. p. 9

Uma dessas armadilhas da memória foi recentemente tema de discussão na minha família. Em dezembro de 2005 fiz com meus pais minha primeira viagem a Paris. Entre outras atrações e locações, a Torre Eiffel era um dos pontos obrigatórios de passagem e visita. Minha mãe foi enfática ao dizer que não ia subir na torre, e que nunca tinha feito esse passeio. Não pude acreditar que depois de algumas visitas a França ela nunca se aventurou a subir no alto da principal referência da cidade. Meu pai afirmou que em outra oportunidade ela esteve na torre com ele, e adorou a visita. Ficaram nesse impasse até que eu e meu pai a convencemos de subir, e não somente uma vez. Fomos à noite e também durante o dia. Chegamos ao Brasil e meu pai resolveu tirar a teima desta história. Colocou o vídeo da viagem anterior que fizeram juntos e lá estava minha mãe no alto da Torre Eiffel, e mostrava com muito gosto as regiões de Paris. Isto ocorre, segundo Jacques Le Goff, uma vez que a memória é sempre uma construção e nunca um resgate. O exercício da memória nos coloca em contato com o passado, mas não de forma que o ressuscite: *“A memória onde cresce a história que por sua vez a alimenta, procura o passado para servir o presente e o futuro”*<sup>21</sup>. Mesmo com uma relação muito próxima, quase dialética, memória e história não são sinônimos perfeitos.

Tzvetan Todorov reafirma o pensamento de Le Goff e aponta ser

“a memória jamais um resgate completo do passado, mas sempre e apenas uma escolha e uma construção; que estas operações não são determinadas pela matéria que advém da memória, mas muito mais pelos sujeitos que se recordam, em vista deste ou daquele objetivo. Se o resgate do passado não tem nada de prejudicial, algumas utilizações desta são muito mais nobres que outras; a memória pode servir à repetição ou à transformação, pode ter uma função conservadora ou emancipadora, o que não conduz à mesma coisa. Qualquer pessoa tem o direito de se lembrar como bem entender é verdade; mas a comunidade valoriza certas utilizações da memória e reprova outras, e não saberá praticar um culto à memória indiferenciado”<sup>22</sup>.

As reflexões dos autores acima nos fazem perceber que a relação memória-história, além de muito fascinante, é bastante delicada. Os trabalhos históricos que pretendem fazer uso de entrevistas podem fazer uso desses apontamentos como guias para as análises feitas. É importante não perder de vista que os depoimentos não falam por si só. Uma vez que toda memória é uma construção, os dados obtidos através deste recurso devem ser

<sup>21</sup> Jacques LE GOFF. Memória. In: *Memória – História. Enciclopédia Einaudi. vol. 1.* Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984. p. 47.

<sup>22</sup> Tzvetan TODOROV. *Op. Cit.* p.124.

problematizados e investigados com base em outros documentos históricos. Os relatos orais podem contribuir para o enriquecimento de uma pesquisa e servem para o estudo de temas que até então não possuem registros, ou são ignorados pelo meio acadêmico. Podem constituir a fonte principal de um trabalho, mas não a única.

O recurso à história oral não deve ser feito para facilitar o trabalho em história ou para fornecer respostas a questões pouco resolvidas. Não devemos sair em busca de um *passé de mágica*<sup>23</sup> percebido muitas vezes em uma entrevista e em depoimentos. Os problemas enfrentados no trabalho com documentos escritos podem ser percebidos da mesma forma nos estudos realizados com base na história oral. O desafio é muitas vezes maior em trabalhos deste perfil, pois as armadilhas são menos visíveis e mais sedutoras, e por isso são exigidas rigidez, e atenção, dobradas do historiador.

O uso da memória de filhos de exilados neste trabalho está sustentado na relação entre memória e história, para investigar como a experiência do exílio foi vivida por essa geração, com o intuito de explorar de que maneiras esta vivência influenciou suas trajetórias. Em um outro plano este estudo serve igualmente para ampliar a visão histórica deste período. O olhar das crianças em relação a este episódio traz novas e inovadoras perspectivas de análise do que representou o exílio brasileiro das décadas de sessenta e setenta.

### 3.2

#### **Testemunhos: O Silêncio e a Formação de Identidades**

Construir e reconstruir uma trajetória através do recurso da memória não é uma tarefa fácil para ninguém, e certamente também não é simples para um historiador. Trabalhos fundamentados na relação entre memória e história, que operam com a metodologia e as técnicas da história oral, podem resultar em biografias, em estudos de casos que se remetam ao mesmo episódio histórico, ou podem ir um pouco além e analisar a formação de grupos sociais. Aqui, esta relação servirá para que sejam explorados atributos pertencentes a uma geração identificada com a experiência do exílio, vivida através de uma herança política passada de pais para filhos. Nesse exercício estão presentes

---

<sup>23</sup> Ronald J. GRELE. Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtiva à história oral. In *Usos e Abusos da História Oral. Op. Cit.* p. 273.

reflexões não somente acerca da trajetória de um ou mais indivíduos, mas questões que servem para aprofundar os mecanismos de construção de uma memória coletiva, que pode estar relacionada à construção de uma identidade política e social.

Elaborar uma pesquisa em torno da relação entre memória e história traz questões complicadas para o pesquisador, pois terá que lidar com a elaboração e construção de seu documento. Trabalhos que utilizam como fonte entrevistas e narrativas orais têm uma marca distinta daqueles que utilizam documentos impressos. A idéia de documento no campo das Ciências Sociais já está bastante ampliada, e hoje, uma roupa, um brinquedo, fotografias, filmes, músicas, e também depoimentos orais são considerados importantes e ricas fontes de estudo.

Uma proposta de trabalho neste âmbito, e que se delimita por um episódio histórico marcado pela violência e sofrimento, apresenta um novo desafio para o cientista social: como lidar com a dor e com sentimentos? Como transformar o *indizível*<sup>24</sup> em *dizível*? Em casos desta natureza, que carregam consigo uma experiência traumática e violenta, a fala nem sempre consegue transmitir o acontecido, e abre-se espaço para um silêncio eloquente.

Em uma das entrevistas feitas para essa pesquisa, o silêncio foi o protagonista. GS foi a única pessoa contatada que pediu um tempo para pensar se queria dar ou não seu depoimento. Certamente que quando ele requisitou este tempo, minha curiosidade já foi aguçada. De saída pensei: esta é uma tática para evitar a entrevista, com certeza não vai retornar a ligação. Para minha sorte e satisfação, ele me ligou, e nós marcamos um encontro em minha casa. Outra curiosidade sobre essa entrevista: GS foi o primeiro a propor que fosse em minha casa e não na dele. Mais uma exigência: não queria tirar fotos e não queria de forma alguma que seu nome fosse exposto, “*nem o primeiro nome*”. Antes que eu pudesse dizer que isso era antes de tudo um aspecto do método de pesquisa que utilizava, ele se adiantou, coisa que nenhum outro entrevistado fizera até então.

O processo para a preparação dessa entrevista durou duas semanas, também um tempo de espera pouco comum. Resolvi preparar-me melhor, e estudar mais meu roteiro, pois imaginava que obter respostas dele seria um desafio. Achei que seria importante, também, reler alguns textos, e o de Michael Pollak foi um dos escolhidos. Ao desenvolver

---

<sup>24</sup> Michael POLLAK. La gestion de l'indicible. In: *Actes de la recherche en Sciences Sociales* 62/69, 1986.

sua pesquisa com mulheres que tiveram a experiência em campos de concentração nazistas, Michael Pollak elaborou uma fundamental diferença entre o silêncio e o esquecimento. O silêncio, de acordo com sua investigação, não quer dizer ausência de memória. Ao contrário, significa que existe a lembrança de um episódio traumático que faz a pessoa preferir não traduzir em palavras o que viveu, o que não quer dizer que não se lembre de tal acontecimento<sup>25</sup>. O desafio está posto em como traduzir tais silêncios para um trabalho de cunho científico que procura desenvolver a temática da memória.

Com novas e renovadas informações, convenci-me que estava preparada para o que viesse. No dia do encontro eu estava extremamente nervosa e apreensiva. Não sabia o que esperar: será que ele vai aparecer? Será que vai desistir? O interfone tocou e o entrevistado foi anunciado. Nunca o elevador demorou tanto para chegar. Resolvi esperar com a porta fechada, ao invés de deixar a porta aberta, como geralmente faço com visitas. GS se mostrou completamente diferente do que eu imaginara. Tivemos uma conversa informal antes de dar início à entrevista propriamente dita. Esse foi um outro momento atípico, pois ele pediu para que o gravador não fosse ligado desde o início de nossa conversa.

O mais curioso estava por vir: ele próprio trouxera um questionário. Anotara perguntas que gostaria de me fazer antes que eu pudesse começar a fazer as minhas. Eu passei de entrevistadora a entrevistada, o que foi muito estranho. De uma certa forma foi uma excelente maneira de quebrar o gelo. Eu falei tanto do meu projeto, e do desenvolvimento da pesquisa, que ele se interessou pelo assunto, e ficou mais à vontade para começarmos. Então, com o gravador devidamente ligado, iniciamos a entrevista.

Como eu já esperava foi uma experiência bem distinta das demais. O material que obtive em outras entrevistas correspondia em geral a duas a três fitas e de dez a treze páginas de respostas por e-mail. Com GS apenas o lado A de uma fita foi consumido. Muitas vezes ele não respondia às perguntas ou demorava muito para fazê-lo. Percebi que certas temáticas o incomodavam, especialmente quando mencionava o fato de ele ser um exilado. Segundo a sua avaliação, a sua vida não foi a de um exilado e não considerava nem mesmo seus pais assim:

“Meus pais saíram do Brasil por escolha própria. Não eram visados pelo sistema e não foram caçados ou presos. Na verdade eles iam às passeatas, apanharam da polícia, mas

---

<sup>25</sup> Cf. Idem. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricas*, 3, 1989.

dizer que foram perseguidos seria um pouco forçar a barra da situação. Eles decidiram sair do Brasil porque não conseguiam mais estudar em paz. Tinham que prestar depoimentos e eram revistados sempre que saíam da UFRJ. Na verdade eu acho que eles decidiram ir mesmo porque minha mãe estava grávida, mas ela não admite isso, porque minha avó iria ter um troço na época, e até hoje. Acho que eles não queriam ter um filho num país que vivia uma ditadura”<sup>26</sup>.

Sua interpretação vai ao encontro de um tema muito caro à temática do exílio brasileiro. Acredito que sem saber disso, GS apontou para uma discussão muito comum naquele período, e fez uso dela quase que por acaso. Houve entre os exilados a divisão dos que saíram e os que foram *realmente* banidos. É importante destacar este aspecto, pois diz respeito ao processo de adaptação dos mesmos, conseqüentemente de seus filhos. Divididos ou isolados na própria comunidade, muitos militantes não conseguiam participar mais das atividades que antes os unira, e a maioria se dedicou a cuidar de suas vidas e dos filhos.

No momento em que GS tocou neste ponto lembrei de duas questões desenvolvidas por Edward Said, e apresentei para ele uma delas. A primeira, e a que nós discutimos, já foi mencionada neste trabalho, a de que ninguém escolhe o exílio. Ou bem ele nos acontece ou nascemos nele. Ao apresentar a reflexão de Said para GS, ele mesmo viu que na sua fala esta exposição já tinha sido feita. Por mais que seus pais não fossem militantes da linha de frente do movimento estudantil, sofreram algum tipo de repressão. Com um filho a caminho, como calculou GS – “*a matemática não mente*”<sup>27</sup> – os problemas poderiam piorar ainda mais.

A segunda questão que Said destaca em experiências de exílio é o que ele chama de condição *ciumenta do exílio*. Viver o exílio no exílio é o que pode gerar esta condição que Said afirma existir, e esta dupla experiência foi mais comum do que se pode, a princípio, pensar<sup>28</sup>. Lidaremos com esta análise de Said mais adiante, por hora a entrevista com GS traz mais apontamentos.

A família foi para Londres em 1975 e lá morou até a anistia. Nascido em 1976, a vida de GS começou na Inglaterra.

---

<sup>26</sup> Entrevista concedida a Tatiana Paiva em 18 de outubro de 2005 no Rio de Janeiro.

<sup>27</sup> Entrevista de GS. *Loc. Cit.*

<sup>28</sup> Alguns exilados expuseram como o conflito entre os brasileiros repercutiu em suas vivências. Ver Denise ROLLEMBERG. Capítulo 3 Chegadas *Op. Cit.* e também Pedro Celso Uchôa CAVALCANTE e Jovelino RAMOS. *Op. Cit.*

“Não me considero um exilado, pois nunca me disseram isso. Vivíamos na mais absoluta paz, e se meus pais tinham problemas não demonstravam. Não contavam sobre a ditadura e se diziam estudantes em intercâmbio, pois eu sempre soube que eram brasileiros, até porque falávamos português em casa. Em 1980 minha mãe estava terminando o mestrado e veio o papo de vamos voltar para o Brasil. Para mim foi super natural: acabaram os estudos então vamos voltar. Até que veio a bomba: estávamos aqui porque lá era uma ditadura. Primeiro que eu não entendia isso, e depois porque não falaram antes. Fizeram o maior clima, me chamaram na sala, até à escola eu faltei”<sup>29</sup>.

A pergunta mais óbvia que eu achei que deveria fazer era porque ele achava que seus pais nunca contaram antes o verdadeiro motivo da saída do Brasil. Segundo GS ele nunca perguntou isso a eles, mas acha que era pelo simples fato de não se sentirem exilados também:

“Acho que eles queriam acreditar que a causa era mais nobre do que realmente era. No fundo sabiam que não corriam riscos, e talvez tivessem vergonha de terem saído do país assim, sem uma causa muito profunda. Sei que a situação era braba, mas depois de ler o que algumas pessoas passaram, fiquei achando que eles foram meio... ah sei lá”<sup>30</sup>

Não completou a frase. Resolveu que não iria mais falar disso, não estava à vontade. Quando o assunto era política e militância ele também não quis dizer muita coisa. Achava que eu deveria conversar com os pais se quisesse saber coisas dessa natureza.

O silêncio de GS revelava elementos novos a cada palavra não dita. Era difícil para ele falar de um assunto que a própria família lidava como um silêncio. O fato de seus pais terem ocultado para o filho a vivência de um exílio, fez que ele pensasse se realmente eram exilados. Já que a situação não foi definida abria-se um espaço para interpretações, e a de GS era menos de um exílio, e mais uma viagem de estudantes. O silêncio, como demonstrou Pollak, não é um esquecimento, e a memória de GS, de diferentes maneiras comprova isso. O dia que foi dito ao menino por que estavam em Londres parece estar ainda muito presente. Ele relatou com precisos detalhes aquela ocasião: como era seu uniforme, como era a sala da casa, de que forma estavam sentados, os gestos do pai ao retirar os óculos, que segundo ele sempre fazia se o assunto era sério. Ao calar-se diante de certas questões era visível que sua escolha estava relacionada a uma memória que ele não desejava partilhar, ao invés de ser consequência de um esquecimento.

---

<sup>29</sup> Entrevista de GS. *Loc. Cit.*

<sup>30</sup> Entrevista de GS. *Loc. Cit.*

A experiência do exílio, como já foi afirmado anteriormente, é muitas vezes traumática e dolorosa. Episódios históricos como o de um exílio político, no qual o indivíduo é retirado de seu meio social, sofre humilhações e violências, podem ser entendidos como situações limite. Não raramente esses casos são vistos e interpretados como exceções na história da humanidade, por serem absurdos e classificados como desumanos. Mesmo assim, não pode ser ignorado que episódios tais como o holocausto, torturas, ditaduras, aconteceram e acontecem, mesmo se aparentam traírem as regras humanas da vida ordinária. Uma vez identificados com o incompreensível, esses exemplos estão sujeitos a serem envolvidos por um significativo silêncio, por não encontrarem formas de expressão, já que são considerados irracionais aos olhos comuns.

Em se tratando de depoimentos e narrativas orais, nada mais simbólico do que o silêncio. No caso de GS uma situação limite não é identificada quando vivida, mas a descoberta do passado de seus pais no Brasil lhe trouxe um novo olhar sobre sua estadia em Londres. Assim como AM e MG que passaram a ver suas trajetórias de outra forma, GS também refletiu sobre sua infância. A partir do meu interesse em entrevistá-lo, percebeu que poderia ser visto como um exilado, fato que não concebia com muita frequência. O menino que foi um estrangeiro na Inglaterra, e alguém com dupla nacionalidade no Brasil, considerava também agora a possibilidade de ser um exilado. Sua história passava a ter outro significado:

“Nunca pensei muito sobre isto. Quando você me telefonou fiquei muito surpreso e na dúvida se deveria ou não aceitar o convite, porque esse termo nunca fez sentido para mim. Pensei muito sobre isto recentemente, e vejo que até pode fazer sentido, apesar de soar estranho toda vez que você me chama assim”<sup>31</sup>.

O que se torna igualmente relevante aqui é que no tratamento desses *silêncios* apresenta-se a ocasião para uma importante reflexão sobre a memória, mais especificamente sobre a relação entre a memória individual e a coletiva. O silêncio é uma presença marcante na narrativa de uma pessoa, pois não é simplesmente um bloqueio que ela se impõe ou sofre. Há também uma razão social para que isto ocorra. Inserido em uma sociedade, os acontecimentos que envolvem a trajetória de um indivíduo não dizem respeito somente a sua experiência pessoal.

---

<sup>31</sup> Entrevista de GS. *Loc. Cit.*



Michael Pollak explora em seu artigo o caso de Ruth, uma judia que sobreviveu aos campos de concentração, e mesmo com o fim da guerra não conseguiu encontrar um espaço público que fosse receptivo à sua vivência. As complicações iam desde papéis legais que atestassem sua existência até a dificuldade em dar seu testemunho. A Alemanha estava imersa em uma interpretação contraditória dos fatos, que oscilavam entre opiniões positivas e negativas da guerra. Percebeu que a Europa, e também o mundo, ainda não estavam prontos para falar sobre o assunto, e decidiu recuar e ficar em silêncio, mas manteve-se presente na vida pública, e permaneceu em Berlim. Ruth passou por um processo que Pollak definiu como “*Garder le silence sans rien oublier*”<sup>32</sup>. Por mais que sua experiência não pudesse ser passada adiante para um público maior naquele momento, a presença de Ruth no cotidiano da Alemanha do pós-guerra era uma forma de afirmar que o nazismo existiu no seio daquela sociedade, e que judeus sobreviveram para, um dia, tornarem pública sua memória.

O silêncio pode em algumas ocasiões recuar para o âmbito privado, se o espaço público não permitir a manifestação pela palavra, e tenta com isso ignorar as vivências individuais, e, desta forma, também fazer calar episódios históricos. Mas este recuo pode até mesmo ser considerado estratégico, pois é justamente a forma que as experiências conseguem de se preservar e permanecerem vivas.

A antropóloga Veena Das vai mais longe, e pensa em como construir uma “*Antropologia da Dor*”<sup>33</sup>. Entre seus estudos está a experiência das mulheres raptadas durante a repartição do Estado Palestino. Algumas das dificuldades que Pollak enfrenta são sentidas por ela na construção e na coleta de narrativas de dor. Segundo Veena Das “*o encontro com a dor não é algo que se possa enfrentar friamente*”, mas existe um perigo em não enfrentá-la e não acreditar que ela possa ser verbalizada na vida cotidiana<sup>34</sup>. A situação limite apreende conflitos e contrastes que tornam difícil a sua vivência, e posteriormente o seu relato:

<sup>32</sup> Michael POLLAK. La Gestion de l'indicible. *Op. Cit.* p. 51.

<sup>33</sup> Para este conceito ver Veena DAS. The Anthropology of Pain. In: *Critical Events. An Anthropological Perspective on Contemporary India*. Delhi: Oxford University Press.

<sup>34</sup> Idem. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: Alguns temas Wittgensteinianos. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol 4, nº 40, 1999. p. 39.

“Se a fala proferida durante os tumultos comunais não pode ser socializada ou domesticada nas narrativas da vida cotidiana, isso não significa que não possa ser narrada de modo algum”<sup>35</sup>.

Não considerar tais falas e experiências significa não pensar quais são suas dimensões e conseqüências políticas e sociais. Elas simplesmente não deixarão de existir por não serem exploradas, ao contrário, o silêncio em torno delas é uma forma de reafirmá-las. Ele é menos fruto de um esquecimento, como destaca Pollak, e mais um trabalho de gestão da memória, *a gestão do indizível*<sup>36</sup>. Transforma-se na tentativa do indivíduo de lidar com seus traumas, o que demonstra a existência da memória, e, portanto, a possibilidade de sua apreensão.

Trabalhos como os de Michael Pollak e Veena Das contêm uma essencial preocupação ao abordar e desenvolver estudos baseados em relatos orais. O cuidado com a desnaturalização do discurso parece conduzir suas pesquisas, pois não estão interessados em reunir exemplos de experiências individuais isoladas, ou da simples reprodução de um discurso. Não são biografias de sujeitos que passaram pela mesma situação traumática. Ao contrário, são apropriados para a identificação de um grupo social, ou uma comunidade, surgida a partir de um acontecimento histórico, e procuram analisar se há a criação de uma identidade política entre os mesmos.

Outra antropóloga, a argentina Ludmila Catela, analisa com maior especificidade os movimentos construídos pelas *Madres de Plaza de Mayo* (abril de 1977) e *Abuelas de Plaza de Mayo* (outubro de 1977), que tiveram, e, ainda têm uma forte repercussão na Argentina na luta pelo esclarecimento do destino de seus filhos e netos, e principalmente pela busca de romper o silêncio social em torno do tema<sup>37</sup>. Ao unirem-se para exigir e denunciar o fato de pessoas terem sido raptadas e presas e nunca mais terem retornado, as *Madres* e *Abuelas* conseguiram fazer deste um assunto presente no país, e criaram uma identidade política para elas. Em suas manifestações, que hoje são uma referência mundial, as palavras de ordem, as fraldas brancas nas cabeças, fotos e imagens dos filhos não são utilizadas por acaso.

---

<sup>35</sup> Idem, *Ibidem*. p. 41.

<sup>36</sup> Referência ao artigo de Michael POLLAK. *Op. Cit.*

<sup>37</sup> Cf. Ludmila CATELA. Desaparecidos e direitos humanos: entre um drama nacional e um dilema universal. In: R. NOVAES e R. K. LIMA. (orgs). *Antropologia e Direitos Humanos*. Niterói: EdUFF, 2001.

Há uma construção simbólica que é pensada e elaborada cuidadosamente, com o intuito de encontrar a melhor forma de abordar o assunto, e com isso conseguir o apoio da população. Esse movimento teve a preocupação de fazer deste um assunto nacional e mundial, com o qual todos deveriam estar preocupados, e não somente os parentes de desaparecidos. A idéia principal é justamente fugir do âmbito que cerca a ditadura e ampliar os horizontes desta luta, com o objetivo de reunir vivências e encontrar pares em outras regiões e em outros movimentos do mundo. A força da luta dessas mulheres não está somente na simbologia de seu gênero, mas também na forma como construíram sua identidade política de grupo.

Todas essas experiências que envolvem o discurso do sofrimento e da dor possuem um teor simbólico e ritualístico muito fortes, que obviamente não estão suspensos no ar. Fazem parte de uma construção, possuem um sentido e são feitos para alcançar um fim muito claro. Os relatos utilizados pelos autores apresentados acima são usados como instrumentos para falar de algo marcadamente político, no caso, a formação de um grupo social. Essas narrativas podem partir do individual, e tratam muitas vezes de experiências privadas, mas estão sempre vinculadas a acontecimentos públicos e coletivos. A análise da geração dos *Herdeiros do Exílio* será realizada com base nessas referências, uma vez que a partir dos testemunhos dos filhos de exilados, o intuito dessa pesquisa é investigar, não somente os acontecimentos que envolvem uma experiência de exílio, mas também, e, principalmente, a identidade política deste grupo.

### 3.3 Início e Recomeço

*“(...) fui um estudante desconfortavelmente anômalo em meus primeiros anos de escola: um palestino que freqüentava a escola no Egito, com um prenome inglês, um passaporte americano e nenhuma identidade certa. Para piorar as coisas, o árabe, minha língua materna, e o inglês, meu idioma escolar, estavam inextricavelmente misturados: eu nunca soube qual era a minha primeira língua e nunca me senti plenamente à vontade em ambas, embora sonhe em ambas. Toda vez que pronuncio uma frase em inglês ouço seu eco em árabe, e vice-versa.”*

Edward Said<sup>38</sup>

Assim como a família de PR, os exilados brasileiros enfrentavam um novo destino a partir do golpe no Chile. A luta pela sobrevivência recomeçava. Mais uma vez o *horizonte*

<sup>38</sup> Edward SAID. Entre Mundos. In: *Reflexões sobre o exílio. Op Cit.* p. 304.

*de expectativa* encontrava-se em contradição com o *campo de experiência*<sup>39</sup>. No Chile, o horizonte de expectativa era a volta para o Brasil a fim de retomar a luta política. Até então o exílio não era reconhecido por todos, e o campo de experiência servia como uma preparação para o retorno. O que podia ser comprovado a partir de 11 de setembro de 1973 era um novo cenário político, no qual o campo de experiência era a realidade do exílio. Com isso transformava-se também a visão em torno da vivência chilena, pois para muitos coube a reflexão de que o exílio já havia sido vivido, apenas não fora sentido.

Uma vez no exílio com os filhos, os pais precisavam reconstruir suas vidas. Era necessário prover as crianças de estudo, lazer, moradia, cuidados médicos, e tudo isso quando ainda se adaptavam ao estrangeiro. A escola era mais do que um complemento em suas vidas, na verdade compunha o cotidiano das crianças, colocando-as em contato com o país estrangeiro.

Ana Vasquez percebe como a boa adaptação dos filhos no exílio dependia principalmente da relação com o colégio<sup>40</sup>. De acordo com a pesquisa que realizou com crianças do Cone-Sul na França, a psicóloga atestou que a partir do convívio com os meninos locais, as crianças tinham a oportunidade de aprender mais rápido sobre o novo ambiente em que viviam, e muitas vezes faziam este processo mais depressa que seus pais. O que certamente não excluía as dificuldades que enfrentaram, desde problemas com o sistema educacional até o preconceito social por serem estrangeiros vistos como imigrantes.

O sistema escolar francês, investigado pela autora, apresenta uma ambigüidade na experiência das crianças e adolescentes, pois ao mesmo tempo em que os integrava, foi também um dos principais elementos de estranhamento. De acordo com os estudos produzidos pela autora em parceria com Gabriela Richard<sup>41</sup>, e também a pesquisa feita por Anne Marie Gaillard<sup>42</sup> com filhos de exilados chilenos, para as crianças e adolescentes o principal contato com o país estrangeiro era feito através da escola, e por isso a visão que desenvolviam daquele lugar era um reflexo do que viam e viviam nas escolas.

Nos depoimentos que recolheu com os filhos de militantes, Ana Vasquez e Gabriela Richard apontam para a dificuldade inicial dos meninos estrangeiros em se adaptarem a um

---

<sup>39</sup> Reinhart KOSELLECK. *Op. Cit.* Ver a discussão sobre essas categorias no Capítulo 1.

<sup>40</sup> Cf. Ana VASQUEZ. *Op. Cit.*

<sup>41</sup> Cf. Ana VASQUEZ e Gabriela RICHARD. *Op. Cit.*

<sup>42</sup> Cf. Anne Marie GAILLARD. *Op. Cit.*

ambiente escolar sem as referências que possuíam. Uma das características destacadas pelas autoras é que uma vez diante deste ambiente estranho, as crianças filhas de exilados idealizavam o modelo com o qual elas estavam acostumadas, e com isso tendiam a esquecer todos os elementos negativos que experimentaram com país de origem. A ausência do colégio de seus países era um dos motivos de maior tristeza no exílio. Ao chegarem à França, esses meninos e meninas educados e criados na América Latina não encontraram nada parecido com suas referências<sup>43</sup>.

PR e RR, ambos educados no Chile, tiveram sua formação em uma escola muito politizada, “*onde estudava a elite da esquerda chilena*”<sup>44</sup>. A opção política dos pais foi complementada com a formação escolar, em um país que vivia um período de efervescência política:

“Eu estudei em um colégio muito progressista” – conta RR – “estudei no colégio que os netos do Allende freqüentavam. Era uma escola com uma proposta obviamente de esquerda, e as crianças tinham muita participação”<sup>45</sup>.

MG estudou em Cuba em um colégio interno, especialmente destinado para atender a crianças com pais em situações especiais. Conviviam filhos de diplomatas, de guerrilheiros, membros da inteligência cubana, e exilados. Ele e o irmão passavam a semana na escola, os pais os visitavam na quarta, e eles iam para casa somente na sexta-feira:

“Algumas pessoas ficam um pouco chocadas quando eu falo que estudei em um colégio interno. Mas naquela época em Cuba, o ensino nesses colégios era o melhor, os melhores alunos iam para o colégio interno. Tínhamos uma das melhores educações do mundo, e até hoje Cuba é famosa no mundo por ter um sistema educacional muito bom”<sup>46</sup>.

ZP também teve uma experiência de exílio em um país com regime socialista, e apesar de estranhar *o clima muito frio de Moscou, os hábitos culturais dos russos, a língua e a alimentação*<sup>47</sup>, sua adaptação foi surpreendentemente boa para uma criança brasileira que não tinha o menor conhecimento do idioma e da região:

<sup>43</sup> Cf. Ana VASQUEZ. *Op. Cit.* p. 9.

<sup>44</sup> Entrevista de PR. *Loc. Cit.*

<sup>45</sup> Entrevista de RR. *Loc. Cit.*

<sup>46</sup> Entrevista de MG. *Loc. Cit.*

<sup>47</sup> Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

“Estudei na URSS desde o jardim de infância até o mestrado. Gostava muito da escola, o que não ocorreu no Jardim de Infância. A Professora, Irina Sergueevna, era muito atenciosa. Sempre fui uma boa aluna e adorava estudar. Depois de três meses já falava russo com fluência e era tratada como as crianças russas, sem privilégios. Tínhamos também uma professora particular que ia lá em casa todo os dias e dava aulas para nós, crianças e os adultos”<sup>48</sup>.

No caso dos meninos que experimentaram um segundo exílio, as dificuldades foram sentidas, em relação à escola, quando passaram por um processo de readaptação em um outro país:

“Quando chegamos na França eu levei um choque. Vínhamos de um país latino-americano, que apesar de bem conservador, nós ficávamos mais soltos, era um povo alegre, descontraído. Fomos parar em um país frio, antipático, metódico, cheio de regra, tudo controlado”<sup>49</sup>.

RR teve muitos problemas na escola por não estar acostumado com a rigidez do ensino, e com o comportamento dos professores:

“Na escola pública em que eu e meus irmãos estudamos, o diretor se dizia comunista, mas de comunista não tinha nada. Ele era um tremendo fascista: dava ordens, batia nos alunos. Rapidinho eu e meus irmãos não agüentamos o tratamento dele. Depois de tudo que nós tínhamos passado iríamos ser perseguidos e ordenados por ele?”<sup>50</sup>.

“Nossa saída do Chile foi muito traumática – lembra PR – “com a prisão do meu irmão, a estada complicada do meu pai na embaixada do Panamá, chegamos na França um pouco perdidos. Nós tínhamos uma vida bastante enraizada no Chile até aquele ponto. Fizemos amigos, namoramos. Chegamos com a roupa do corpo. Iríamos começar tudo de novo: nova escola, fazer novos amigos. Foi muito difícil.”<sup>51</sup>.

FS também passou por dois exílios: Chile e Estados Unidos. Mais uma vez o Chile aparece com um papel acolhedor e importante no momento de desespero enfrentado pelos exilados:

“No Chile freqüentei escolas particulares e não tive qualquer problema. Fomos muito bem recebidos e me diverti muito. Recentemente visitei a escola e reencontrei alguns professores. As lembranças são ótimas. Nos Estados Unidos fui a escolas públicas. Excelentes, por sinal. Tive algumas dificuldades em algumas matérias por que escolhi

---

<sup>48</sup> Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

<sup>49</sup> Entrevista de RR. *Loc. Cit.*

<sup>50</sup> Entrevista de RR. *Loc. Cit.*

<sup>51</sup> Entrevista de PR. *Loc. Cit.*

curso mais puxado e a escola no Chile não era muito forte. De qualquer forma, nunca fui reprovado e consegui cartas de recomendação para boas faculdades. Obtive excelentes notas nos exames nacionais e fui aceito nas universidades para as quais me inscrevi”<sup>52</sup>.

A integração ao país estrangeiro era uma questão bastante significativa entre os exilados. Para os adultos este processo estava mais relacionado à procura de emprego, renovação de documentos e os estranhamentos eram muitos. O que verifiquei a partir das entrevistas realizadas, no que diz respeito à vivência das crianças este processo se deu a partir de dois aspectos: a escola e a vida em casa com os pais. Com relação ao colégio, a forma como eram vistos pela instituição, e pelas outras crianças, implicava na maneira como eles mesmos se percebiam, e com isso procuravam seus parceiros, sua *comunidade*<sup>53</sup>. Apesar de muitos terem feito amigos do país de acolha, os laços mais fortes, segundo Anne Marie Gaillard, eram ou com seus conterrâneos, outros filhos de exilados, ou com estrangeiros e imigrantes, pois foi desta forma que crianças latino-americanas foram identificadas<sup>54</sup>.

O processo de integração na experiência de FS foi por ele controlado. Apesar de ter mantido uma boa relação com os países de exílio, seu desejo sempre foi voltar para o Brasil, por isso a consciência de uma estada provisória no estrangeiro fez parte de sua trajetória como exilado:

“A coisa mais importante para mim como exilado era não perder a minha identidade como brasileiro. O sonho é sempre o de voltar para a terra natal. Portanto, nunca fiz nenhum movimento para me integrar nos países. O que eu e meus irmãos procuramos fazer foi manter o melhor relacionamento possível sem deixar de sermos o que somos. Neste sentido, a vida no Chile foi muito fácil. A barreira da língua foi mínima e em pouco tempo muita gente não acreditava que eu e meus irmãos éramos brasileiros. O mais importante era retribuir a hospitalidade chilena com um justo elogio aos pais e ao seu povo, e evitar comparações com o Brasil”<sup>55</sup>.

Manter a identidade brasileira no Chile não foi problemático, mesmo porque o governo de Salvador Allende foi extremamente receptivo e acolhedor. As conseqüências da mudança para os Estados Unidos se refletiram nas relações pessoais, e a integração foi descartada por completo:

---

<sup>52</sup> Entrevista de FS. *Loc. Cit.*

<sup>53</sup> Cf. Ana VASQUEZ. *Op. Cit.*

<sup>54</sup> Cf. Anne Marie GAILLARD. *Op. Cit.*

<sup>55</sup> Entrevista de FS. *Loc. Cit.*

“(…) Nos Estados Unidos a idéia era não se integrar de maneira alguma. A língua não foi uma barreira muito grande e em pouco tempo tínhamos que fazer algum esforço para não falar sem sotaque. Eu preferia falar mais ‘slang’, a gíria dos negros. Este sim eu queria falar sem sotaque. A maioria dos relacionamentos era com os outros latinos, com os negros e com os ‘branqueles’ não racistas. Com os mais racistas a postura era de não se intimidar e de enfrentamento, se necessário. A amizade com os negros foi suficiente para inibir qualquer conflito importante. Além disso, o condado onde morávamos era bastante liberal se comparado ao resto dos EUA”<sup>56</sup>.

Em 1974, ano em que FS chegou nos Estados Unidos, o país encontrava-se mergulhado em uma série de transformações culturais e sociais. Os protestos contra a guerra do Vietnã, as mudanças de comportamento, as manifestações pelos direitos civis dos negros e também das minorias alertavam para novos tempos. FS se identificou com a parte da população oprimida e discriminada. Sua identidade era mantida a partir dos relacionamentos que evitava e dos que construía.

RR viveu situação semelhante à de FS na França, e se uniu aos seus *iguais*, ou seja, os estrangeiros:

“No nosso colégio tinham muitos imigrantes árabes, portugueses. Rapidamente nós somamos forças, pois apesar de nós [ele e os irmãos] sermos brancos, o Chile era visto como um país latino-americano subdesenvolvido. Isso refletia em uma discriminação contra nós, éramos tratados como párias. Para lutar contra isso nos unimos aos nossos iguais, e ninguém mexia com a gente”<sup>57</sup>.

A ida para a Europa era uma mudança radical na vida das crianças. PR relata o momento de chegada:

“A França era completamente diferente da nossa realidade no Chile. Se o Brasil era considerado subdesenvolvido você pode imaginar o que era o Chile. O Chile não era nada! Eu nunca vou esquecer da sensação de ter visto pela primeira vez uma escada rolante no aeroporto em Paris”<sup>58</sup>.

Os exilados eram vistos como subdesenvolvidos, primitivos, oriundos de países pobres. Isso refletia na escola, no emprego, e nas relações pessoais com os habitantes locais.

---

<sup>56</sup> Entrevista de FS. *Loc. Cit.*

<sup>57</sup> Entrevista de RR. *Loc. Cit.*

<sup>58</sup> Entrevista de PR. *Loc. Cit.*



A França foi o grande centro de acolhida dos exilados que vinham do Chile. A integração a um novo sistema escolar, assim como o convívio com outra língua, e com os colegas, faziam parte do conjunto de elementos que o exílio oferecia a essas crianças. Em relação ao método de ensino, a pesquisa feita por Ana Vasquez levou a autora concluir que os colégios franceses tinham a marca de uma rígida disciplina, assim como de um ensino baseado na individualidade e na memorização. Ao contrário das experiências anteriores que incentivavam a troca de informações, discussões em sala e trabalho em equipe, na França a regra geral era “*chacun pour soi*”<sup>59</sup>.

Havia também o problema de informação. As escolas nem sempre estavam preparadas para receber alunos de outras nacionalidades e, no caso de exilados, a situação era ainda mais complexa. Não havia uma compreensão sobre a condição política e social dessas crianças e um esclarecimento sobre a situação atual de seus pais. Sobre a história e a cultura dos países latino-americanos, de onde provinham esses meninos e meninas, o conhecimento era muito restrito e a ignorância era praticamente completa a respeito dos acontecimentos que envolviam as ditaduras militares no sul do continente americano<sup>60</sup>. O tratamento dado aos filhos de exilados era diferenciado, tanto pelos alunos quanto pelos professores<sup>61</sup>, como demonstra a vivência de RR na França.

Na experiência das crianças que vieram para o Brasil depois de terem vivido parte de sua infância no exílio, a estranheza que RR sentiu em relação à escola francesa foi percebida em relação ao ensino brasileiro. Quando retomou seus estudos, AM teve muita dificuldade de entender como funcionava a educação no Brasil:

“Na escola eu ficava muito sozinha, não conseguia me relacionar muito bem com as outras crianças. Era difícil viver no Brasil depois de ter passado por um país com uma condição de vida excelente. Na Suécia eu tive tudo do bom e do melhor, e não era privilégio de crianças ricas ou de classe média alta, até porque nós éramos pobres lá. Isso que era mais legal. Todas as crianças tinham assistência médica, escolas, praticavam esporte, faziam passeios. Não entendia como no Brasil nada disso acontecia, nem mesmo para crianças. E olha que eu estudava no St. Patrick, um colégio caro, na Zona Sul”<sup>62</sup>.

MG passou por uma situação bem semelhante ao retornar para o Brasil:

---

<sup>59</sup> Ana VASQUEZ. *Op. Cit.* p. 14.

<sup>60</sup> Cf. Idem, *Ibidem*.

<sup>61</sup> Cf. Ana VASQUEZ e Gabriela RICHARD. *Op. Cit.*

<sup>62</sup> Entrevista de AM. *Loc. Cit.*

“Quando voltamos, eu e meu irmão fomos estudar no Bennett, um colégio de alta burguesia, católico [sic], conservador. A educação que eles passavam para a gente, e a educação dos meninos de lá, era radicalmente diferente. Aqui os meus amigos tinham fazenda, os pais tinham jatinho. Eles só estudavam porque o pai obrigava, no fundo queriam mais era pegar onda e sabiam que iam ficar ricos na hora que não quisessem mais estudar. Em Cuba, não estudei em colégio rico, o país era muito pobre, mas tive uma educação de primeiro mundo. O que nos era ensinado, e que eu acredito até hoje, era como o estudo é importante para a construção de um novo mundo. O choque cultural, social e político foi enorme”<sup>63</sup>.

Assim como durante o exílio, no Brasil a escola também preenchia o dia a dia das crianças. A presença do Brasil era forte em suas vidas, sobretudo nas crianças que não recordavam praticamente nada do país. Os pais contavam histórias e transmitiam o amor e a saudade pela pátria, que em alguns momentos era idolatrada, e em outros, muito criticada. A escola cumpria mais uma vez o papel de apresentar a nova realidade aos meninos e meninas que chegavam de outras terras, e servia para comparações. A cultura e os hábitos brasileiros eram transmitidos e absorvidos no cotidiano escolar, que para alguns foi muito difícil e para outros uma experiência muito gratificante. Depois do confronto inicial, a adaptação aconteceu de forma natural para JC, que apesar de ter estranhado certos comportamentos, adorou a forma como os brasileiros *levavam a vida*:

“Ficava impressionada com a descontração no ambiente escolar. Em Portugal achava as pessoas um tanto sérias [sic]. No Brasil tinha sempre uma atividade na escola, e eu fui muito bem recebida. Todos sabiam da minha situação e me senti muito bem aqui. Realmente era o meu país”<sup>64</sup>.

“*Meus pais falavam: ‘Esse não é o nosso país, um dia vamos voltar para casa’, mas eles estavam se referindo a mim também, e aquela já era a minha casa, meu país*”<sup>65</sup>. Para AM o país de que tanto falavam representava para ela um mundo distante, um mistério a ser desvendado. Durante um período do exílio de seus pais, ainda muito menina, veio para o Brasil passar um tempo com sua família, enquanto seus pais estavam à procura de emprego na Suécia. Ficou em casa de parentes com quem nunca havia tido contato, e sentia falta da única família que conhecia:

<sup>63</sup> Entrevista de MG. *Loc. Cit.*

<sup>64</sup> Esta entrevista com foi feita pelo Skipe, por Tatiana Paiva, uma vez que ela mora em São Paulo. 15 de outubro de 2005.

<sup>65</sup> Entrevista de AM. *Loc. Cit.*

“Meus pais eram minha família. Cheguei a vir ao Brasil, ainda na ditadura para ficar com minhas avós, mas não tinha a menor noção do que era uma ‘avó’. O que me falaram foi: ‘Você vai ficar com as suas avós’. Eu não tinha a menor noção de quem era a minha avó, não tinha a noção de família. Fiquei um tempo em Friburgo com a minha avó por parte de mãe, e foi bom porque tinha muito bicho, eu adoro bicho, e também tinha meu primo, que é da minha idade. Depois fiquei com minha outra avó no Rio. Era tudo diferente, e eu tinha muito medo, pois não conhecia aquelas pessoas”<sup>66</sup>.

Apesar do Brasil ter estado presente na vida das crianças durante o exílio através de músicas, festas, mapas, na realidade era um país distante, para o qual, em alguns casos, somente seus pais ansiavam em voltar. Em certas experiências, no momento que o exílio dos pais acabava o exílio dos filhos começava, como foi para Flávia Castro no período da mudança para o Brasil. “Em 1979, integrada à sociedade francesa, não queria deixar o país: *‘era a primeira vez que tinha ficado tempo suficiente em um lugar para criar raízes.*’ Tinha amigos atividades, escrevia em francês. *‘Não achava justo voltar.*’ Partir mais uma vez. Agora, *‘sem se darem conta’* que *‘não era mais uma menininha que se arrasta assim, para qualquer lugar’*<sup>67</sup>.

O processo da volta tratou-se de *“um momento delicado”*<sup>68</sup> no exílio brasileiro, segundo Denise Rollemberg. Distintos eram os significados que envolviam essa escolha, e, para um considerável número de exilados, o Brasil se tornara um país estrangeiro. Muitos foram aqueles que voltaram no calor da hora quando a anistia foi concedida, e houve um certo fervor entre os exilados. Uns entendiam como uma obrigação, pois permaneceram vivos para justamente retornar e continuar a luta política que fora interrompida. Outros resolveram esperar e planejar melhor a volta, pois estavam com empregos estabilizados, formaram famílias, fizeram amigos, e não podiam ter certeza de como suas vidas iriam ser no Brasil de então. Alguns mantiveram uma relação pendular com o Brasil e o país de exílio. Até decidirem o que fazer foram e voltaram muitas vezes, tanto que o sentido de ida e volta ficou em certos casos deturpado<sup>69</sup>.

Para as crianças e adolescentes, como Flávia, não havia escolha senão aquela de acompanhar seus pais, o que representou em muitos o sentimento de um primeiro exílio

<sup>66</sup> Entrevista de AM. *Loc. Cit.*

<sup>67</sup> Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 274.

<sup>68</sup> Idem, *Ibidem.* p. 265.

<sup>69</sup> Idem, *Ibidem.* Ver Capítulo 9 Estranhas Raízes.

pessoal. Isto porque o sentido de volta é muito relativo para as crianças, pois a maioria nunca tinha sequer vindo ao Brasil, e os que saíram muito pequenos não tinham laços afetivos com o Brasil: “*Não entendia muito bem o significado da volta, pois nunca tinha ido, apenas passado pelo país*”<sup>70</sup>, conta AM. Até então o Brasil era conhecido através do relato dos pais, que por hora assumia aspectos positivos e por outro lado assumia uma terrível face com as histórias de perseguições e mortes da ditadura.

A memória de ZP em relação à volta para o Brasil remete-se muito ao desejo dos pais que “*falavam muito do retorno para o Brasil*”<sup>71</sup>. Segundo ZP essa foi uma marca de sua experiência: “*Me acompanhou a vida inteira*”<sup>72</sup>. Mas ela e os irmãos também queriam conhecer e morar no Brasil, o desejo da volta compôs a vivência no exílio, e nunca fizeram planos de permanecer na União Soviética: “*(...) sempre quis voltar (...) Dizia que o Brasil precisava de gente formada para poder vencer seus problemas e que a URSS estava colaborando com o Brasil desta forma*”<sup>73</sup>.

Para MG, o retorno ao Brasil não fazia mais sentido:

“*Questionava muito a minha mãe porque nós tínhamos voltado. Estávamos enfrentando muitas dificuldades no Brasil, enquanto poderíamos ter tudo em Cuba. Realmente não entendia. Minha mãe me conta que todos os dias eu perguntava: ‘Quando vamos voltar para casa?’.* Chegamos ainda com a ditadura, então éramos vigiados o tempo todo. Nosso apartamento era revistado, telefones grampeados. Um clima horrível. Era como se você fosse rico e ficasse muito pobre de repente. Minha mãe teve que se virar, e não teve apoio familiar. Estava sozinha com dois filhos”<sup>74</sup>.

Os exilados chegavam aos países de exílio praticamente sem nada, *com a roupa do corpo*<sup>75</sup>. Para muitos que conseguiram alguma estabilidade no exílio, a volta para o Brasil podia significar perder tudo de novo, e iniciar mais uma vez esse processo. MG percebeu isso diante da situação que sua mãe enfrentava. Perdia suas referências de infância e o seu lar. Cuba era o seu país, e construiu seus valores a partir da educação que lá recebeu. Em

<sup>70</sup> Entrevista de AM. *Loc. Cit.*

<sup>71</sup> Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

<sup>72</sup> Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

<sup>73</sup> Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

<sup>74</sup> Entrevista de MG. *Loc. Cit.*

<sup>75</sup> Entrevista de PR. *Loc. Cit.* Citado anteriormente na página 24.

Cuba eram tratados como pessoas importantes, filhos de guerrilheiros, enquanto que no Brasil nem mesmo sua família os apoiava.

O questionamento de MG é um dos elementos que Ana Vasquez e Gabriela Richard encontraram no conflito entre pais e filhos no exílio. Segundo suas observações, os filhos questionavam a atitude dos pais em querer voltar para um país que os expulsou, os torturou, matou seus familiares e amigos, e ainda sim não os queriam. Para que voltar? Voltar para onde?<sup>76</sup> Depois de conviver anos entre a comunidade exilada era impossível para Flávia entender a volta para um país tão criticado. Como podiam aceitar este país? Se a volta era uma escolha para os exilados, para ela, tratava-se de uma imposição:

“Foi quando senti que não tinha escolha. Nas outras ocasiões, achava que entendia e participava. A volta não, me foi imposta. Uma espécie de exílio”<sup>77</sup>.

A ruptura que Said reconhece como parte da experiência do exílio, sofrida pelos pais anteriormente era sentida agora pelos filhos. Os mais velhos já estavam mais conscientes da situação que enfrentavam, e eram mais independentes também. PR, por exemplo, não voltou com os pais, pois queria terminar seus estudos em Paris, assim como FS, que caso desejasse, poderia ter cursado a universidade nos Estados Unidos, mas decidiu voltar. Já os mais novos não tinham essa escolha, e os que reconheciam o país de exílio não como tal, mas como seus lares, sofriam com essa perda e com a nova realidade.

### 3.4 Apátrida: um sentimento ou uma condição?

*“Não sou brasileiro  
Não sou estrangeiro  
Não sou brasileiro  
Não sou estrangeiro  
Não sou de nenhum lugar  
Sou de lugar nenhum  
Sou de lugar nenhum  
Não sou de São Paulo, não sou japonês  
Não sou carioca, não sou português  
Não sou de Brasília, não sou do Brasil  
Nenhuma pátria me pariu!*

<sup>76</sup> Cf. Ana VASQUEZ e Gabriela RICHARD. *Op. Cit.*

<sup>77</sup> Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* Pp. 274-275.

*Eu não tô nem aí  
Eu não tô nem aqui*<sup>78</sup>

**Titãs**

Para alguns exilados, seus filhos se tornavam estrangeiros, especialmente os que nasceram ou que foram ainda bem pequenos para o exílio. Seus hábitos, o idioma, o comportamento, não refletiam nada de seus países de origem, da sua cultura. As referências não eram as mesmas<sup>79</sup>. Preocupados com a adaptação dos filhos ao exílio, e interessados em cultivar uma relação com o Brasil, um grupo de exilados criou na França *O Clube do Saci*<sup>80</sup>. Havia uma espécie de senso comum entre os adultos da comunidade exilada de que as crianças estavam bem adaptadas, o que alguns pais começaram a verificar não ser bem verdade<sup>81</sup>. Segundo Glória Ferreira, uma das idealizadoras do *Clube*, a preocupação primordial era não fazer um doutrinamento da cultura brasileira: “*Queríamos, principalmente, contribuir para que elas [as crianças] tivessem um ponto de referência de língua, de cultura, e não serem tão apátridas*”<sup>82</sup>.

Interessante este apontamento para entendermos o que significou o sentimento de ser *apátrida* para o caso brasileiro no exílio. Este é um termo que pode ser pensado a partir de qualquer experiência de exílio, e certamente compôs o caso do exílio brasileiro, e serviu a muitos para definir suas trajetórias. Quando se via sem passaporte, sem identificação ou documentos que registrassem sua nacionalidade, o indivíduo entendia o que significava a sua condição de exilado: um ser sem pátria e sem lar. No que diz respeito aos brasileiros, até a saída do Chile, a nomenclatura *apátrida* não fazia muito sentido, assim como o termo *exilado* não era igualmente apreendido. A partir da experiência chilena o exílio se tornou uma realidade, e os brasileiros se viram sem um lugar para chamar de seu.

A situação das crianças, no entanto, não era exatamente esta. Alguns nem eram estrangeiros, tinham nascido no Brasil, mas certamente poucos se identificavam com o país de origem. Mesmo os brasileiros, se chegaram pequenos ao exílio adquiriram uma

<sup>78</sup> TITÃS. Nenhum Lugar. M. Fromer, T. Bellotto, A. Antunes, S. Britto e C. Garvin. In: \_\_\_\_\_. Jesus Não Tem Dente no País dos Banguelas: WEA, 1987. 1 CD. Faixa 11 (2 min e 56 s).

<sup>79</sup> Cf. Ana Vasquez e Gabriela Richard. *Op. Cit.* p. 9.

<sup>80</sup> Ver Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* Capítulo 7 Pulando em uma perna só: a cultura exilada.

<sup>81</sup> Idem, *Ibidem.* p. 220.

<sup>82</sup> Idem, *Ibidem.* p. 221.

educação e uma formação diferentes a partir das escolas, universidades e da cultura local. O termo *apátrida* manteve-se mais presente na experiência dos pais, uma vez que ocorreu a expulsão e a perda de um lugar antes reconhecido como lar.

Divididos entre culturas os exilados encontravam-se, por vezes, perdidos em um país estrangeiro, e tomavam consciência que eram reconhecidos como apátridas. Juridicamente, apátrida é aquele que não tem governo para defendê-lo<sup>83</sup>. Victor Serge, escritor russo e francês, que nasceu, viveu e morreu como um exilado definiu desta forma o termo apátrida:

“(...) homens a quem as tiranias recusam até a nacionalidade. Quanto ao direito de viver, a situação dos apátridas, que na realidade são os homens mais ligados as suas pátrias e à pátria humana, só é comparável à do homem ‘sem reconhecimento’ da Idade Média, que, não tendo senhor nem suserano, não tinha direito nem a defesa, e cujo simples nome tornou-se uma espécie de insulto”<sup>84</sup>.

Depois de ser identificado como oposicionista, nacionalista, esquerdista, socialista e comunista, subversivo, preso, asilado chegou a hora de Artur Poerner ser visto como um apátrida. “*É a estação de destino? O ponto final? O fim da linha*”<sup>85</sup>, ele se perguntava ao cruzar o seu país de exílio, a Alemanha. Ao atravessar a fronteira que dividia o lado ocidental do oriental, o trem parou e ao mostrar seu documento internacional percebeu que estava vencido, e que, nele, também não constava o seu país de origem. A partir desse episódio o exílio, e o Brasil, tiveram um novo significado:

“(...) o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Hollanda, não me deixa mentir: ‘Apátrida – estrangeiro que se refugia num país, por haver sido conquistada a sua pátria’. Sou, portanto, um estrangeiro na Alemanha Federal e continuarei a sê-lo, aqui ou em qualquer outra pátria que não seja a minha. Minha, agora, mais do que nunca, pois aprendi a amá-la ainda mais, de longe, em silêncio – como nesses casos de amor platônico e não correspondido. Com a única – e fundamental – diferença de que, neste caso, tenho a tranqüilidade que ela também me ama”<sup>86</sup>.

Em muitos casos o exílio reafirmou o sentimento de brasilidade e de nacionalidade nos militantes. A pátria perdida era reencontrada através de músicas, livros, filmes, jornais,

<sup>83</sup> Cf. Idem, *Ibidem*. p. 27.

<sup>84</sup> Idem, *Ibidem*. p. 27.

<sup>85</sup> Pedro Celso Uchôa CAVALCANTE e Jovelino RAMOS. *Op. Cit.* p. 265.

<sup>86</sup> Idem, *Ibidem*. p. 226.(grifo do autor).

que alimentavam o desejo de voltar sempre que as notícias chegavam além mar. O sentimento de Artur Poerner em relação ao Brasil não foi raro entre os brasileiros:

“Como sempre ocorre nesses casos, a imposição e a repressão não lograram os seus objetivos: pensando que nos separavam, conseguiram selar, definitivamente, a nossa união. Tudo o que guardo dela [a pátria] – lembranças, imagens, sons, paladares e até cheiros - me acompanha e acompanhará dia e noite, na vida consciente e subconsciente”<sup>87</sup>.

O país de origem parecia ganhar um novo rosto e um novo simbolismo. Como destaca Denise Rollemberg, a perda aparece, na psicanálise, como a morte da mãe<sup>88</sup>. A autora lembra o romance de Albert Camus, *O Estrangeiro*<sup>89</sup>, e como a trama tem início com a morte da mãe de Mersault. O personagem principal do livro é analisado por Julia Kristeva que o define como um ser “anestesiado, privado de emoções, desarraigado de qualquer paixão e sem nenhuma escoriação por isso”<sup>90</sup>:

“Compreende-se, então, que Mersault sempre viveu como se estivesse num estado de inconsciência de alguma forma num estado de transconsciência e que essa oculta vertigem que, no fim, faz dele um assassino esteve sempre lá, sorrateira e vaga, porém permanente. Assim, ele não fica chocado com a sua perturbação. Nada o choca. Ele não pode compreender o que os outros sentem como um choque. Os choques somente existem para a consciência. A sua é indiferente. Por quê? Não se saberá”<sup>91</sup>.

O distanciamento de Mersault é digno de um estrangeiro. Ele não se identifica com nada e com ninguém, sem família, não tem religião, um homem de poucos amigos e sem paixão pelo que faz. A perda da figura materna retira qualquer espécie de vínculo que ele tinha até então com o mundo, e nesta perda de referências transforma-se em um estrangeiro no seu próprio país.

Para os exilados a pátria assumiu em muitas ocasiões esse papel de mãe. Era a referência primordial no exílio, pois no momento em que eram reconhecidos como apátridas reafirmavam suas identidades através do vínculo com o Brasil. Se perdessem esta referência com a terra natal, com o lugar de berço, poderiam, no final, perder-se por completo. A condição de exilados só poderia existir se pertencessem a um lugar em que não poderiam estar, e certamente não se reconheciam enquanto meros estrangeiros. A vida no

<sup>87</sup> Idem, *Ibidem*. p. 266.

<sup>88</sup> Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 26.

<sup>89</sup> Albert CAMUS. *O Estrangeiro*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

<sup>90</sup> Julia KRISTEVA. *Op. Cit.* Pp. 31-32.

<sup>91</sup> Idem, *Ibidem*. p. 32.



país estrangeiro não estava sendo experimentada como uma viagem de turismo ou uma transferência de trabalho, e eliminar isso do horizonte de visão poderia significar eliminar suas identidades. Mesmo com uma relação de amor e ódio com o Brasil, uma vez que o país os havia expulsado e excluído de seu convívio, o conflito de sentimentos não era o bastante para destruir por completo o desejo de voltar e estar em casa.

A presença do Brasil no exílio era muito fundamentada, e eram perceptíveis para as crianças os fortes laços de seus pais com o país. Na sua casa em Cuba, MG recorda de uma parede que sua mãe decorava com fotos, matérias de jornal, símbolos brasileiros, e lembra de como sua família ficou conhecida pelas festas brasileiras que sua mãe fazia:

“Minha mãe fazia muitas festas, e a música era sempre brasileira. Foi motivo até de documentário em Cuba as nossas festas. Eu me lembro de algumas fotos na parede lá de casa, decorada com coisas sobre o Brasil, que me chamavam atenção. Tinha uma do Cristo Redentor, uma da Bruna Lombardi, que me fez ficar apaixonado por ela (...) Minha mãe sempre quis voltar. Quando saiu a Anistia, ela quis voltar no dia seguinte. Apesar de nunca ter tido problema com Cuba, porque ela adorava, e adora o país até hoje, o problema era a impossibilidade de voltar. Gerava uma angústia que você ficava meio louco da cabeça”<sup>92</sup>.

RR e PR conviviam diariamente com a cultura brasileira no exílio. Foram ensinados desde cedo que os lugares por onde passavam não eram, na realidade, os seus verdadeiros países. Seus pais recebiam muitos amigos exilados e a música, a comida, as festas preenchiam seus cotidianos:

“Nós tínhamos mais informação sobre o Brasil na França do que os brasileiros, pois como era uma ditadura, as informações não chegavam até a população. A livraria que meu pai montou na França se tornou um ponto de encontro entre os exilados. Todos passavam por lá. Vendiam-se livros, discos, jornais, revistas. Desde adolescente eu ouvia Chico Buarque, Caetano, meu pai colocava os discos para tocar na livraria como som ambiente (...) O Brasil tinha uma presença muito forte na nossa vida e nós tínhamos muita ânsia de conhecer o país. Muita admiração também pelo país, pela brasilidade, pelo jeito de se falar, de se comportar dos brasileiros. Era muito diferente dos franceses. Era um encantamento”<sup>93</sup>.

RR recebeu a notícia que iam voltar com muita surpresa:

“Da noite pro dia meu pai deu a notícia que nós íamos voltar. Falou que ia vender tudo e que era para nós irmos nos preparando, porque em dois meses nós iríamos voltar”<sup>94</sup>.

<sup>92</sup> Entrevista de MG. *Loc. Cit.*

<sup>93</sup> Entrevista de RR. *Loc. Cit.*

<sup>94</sup> Entrevista de PR. *Loc. Cit.*

A relação com o Brasil fora cultivada durante o período de exílio, e isso transformou o momento da Anistia, ao contrário da percepção de Flávia, em uma boa notícia. RR ao falar desse período, sempre se refere a um retorno, mesmo que tenha saído daqui com menos de dois anos:

“Eu brincava com o meu irmão FR, e nós cantávamos aquela música ‘Vai preparando o feijão preto que eu estou voltando’ enquanto fazíamos as malas. Ele imitava a voz do locutor do aeroporto: ‘Attention Attention o vôo para o Rio de Janeiro vai partir’. Depois imitava o piloto: ‘Atenção senhores passageiros, estamos a meia hora do Rio de Janeiro’. Realmente queríamos voltar. Por mais que estivesse longe da gente o Brasil sempre esteve presente”<sup>95</sup>.

A terra natal ocupava um outro plano na vida dos exilados, e tudo que dela vinha ganhava um sabor diferente no exílio. Um desses elementos era o idioma. Em terras estrangeiras os exilados experimentaram a sensação de isolamento e solidão que a falta do entendimento da linguagem local trazem para o estrangeiro. Caetano Veloso, também exilado no período da ditadura, expressou esse sentimento na canção *Língua*: “*A língua é minha Pátria/ E eu não tenho Pátria: tenho mátria/ Eu quero frátria*”<sup>96</sup>. Luiz Alberto Sanz esteve entre os *trocados* pelo embaixador suíço, e complementa a atribuição que Caetano Veloso fez à importância que o idioma tem para os que vivem longe de sua terra: “*A perda da língua materna é a perda da linguagem expressiva, a perda da emoção*”<sup>97</sup>. Herbert Daniel também registrou o significado da ausência da língua materna:

“O maior problema do exílio é a perda da língua. Perder sua língua é perder sua alma’ (...) Começo a me orgulhar de falar errado e entender mal o sueco só para ter o prazer redobrado quando leio alto Fernando Pessoa ou entendo tudo, em nuances o que Graciliano diz. Come se vê, minha identidade – e como precisamos dela! – começa a ser igual ao calo daquele cidadão que comprava sapato apertado só para sentir o bom de tirá-lo. Pela primeira vez me sinto patriota, daqueles bem babacas. Quem diria...”<sup>98</sup>.

Julia Kristeva identifica uma ambigüidade nessa relação com o idioma de um outro país, pois o que é reconhecido como um problema no começo, pode se transformar em um

<sup>95</sup> Entrevista de PR. *Loc. Cit.*

<sup>96</sup> CAETANO VELOSO. *Língua*. C. Veloso. In: \_\_\_\_\_. *Noites do Norte ao Vivo*. Universal. Brasil, 2001. 2 CD's. Faixa 25 (3 min e 36 s). Materizado no Magic Master.

<sup>97</sup> Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 139.

<sup>98</sup> Idem, *Ibidem*. Pp. 139-140.

ganho no final da experiência. Isto porque, mesmo que no início o indivíduo fique à margem daquela sociedade, pode no fim conseguir incorporar elementos da mesma, sem perder as suas referências. Nada como a linguagem para realizar esta tarefa. O domínio da língua através de livros, músicas e diálogos faz com que a cultura estrangeira deixe de ser estranha, e passe a ser reconhecida em nós mesmos<sup>99</sup>.

A língua estrangeira poderia servir ao exilado como uma espécie de liberdade, e dava um novo sentido há uma vivência de dor e violência. A relação com a língua é uma das primeiras sensações de liberdade que um indivíduo que está fora da pátria experimenta. De acordo com Kristeva:

“Privado das rédeas da língua materna, o estrangeiro que aprende uma nova língua é capaz de cometer as mais imprevisíveis audácias: tanto no terreno do intelecto quanto do obscuro. Essa pessoa que, na língua materna, mal ousava falar em público e expressava conceitos de um modo confuso, no outro idioma expressa-se como um interlocutor intrépido”<sup>100</sup>.

Identificar os exilados enquanto estrangeiros não é muito complicado. Certamente as variações sobre a condição política dos mesmos, se eram exilados, imigrantes, refugiados, foi problemática em vários momentos, mas não deixavam de ser estrangeiros em nenhuma dessas categorias<sup>101</sup>. Entretanto, apontar seus filhos como estrangeiros pode ser um tanto complexo. Como poderiam ser estrangeiros, se não habitaram anteriormente outro país, ou se pelo menos não possuíam uma memória que os relacionassem com outro lugar? Nem mesmo puderam ser registrados como brasileiros no exílio. Apesar de seus pais insistissem que eram brasileiros, o sentimento e a relação com o Brasil não eram de uma pátria perdida.

A experiência dos que não perderam uma pátria, como a das crianças, não era acrescida de sentimentos e reflexões acerca do Brasil. Os questionamentos acerca do país vieram mais tarde, quando suas vidas ganharam um novo sentido, um novo rumo. O cotidiano no exílio era vivido sem a sensação de que pertenciam a um lugar em que não poderiam estar. Apesar de muitos terem sido contagiados com a alegria dos pais na hora da

---

<sup>99</sup> Cf. Idem, Ibidem.

<sup>100</sup> Idem, Ibidem. p. 38.

<sup>101</sup> Sobre as diferenças entre essas categorias e o que elas implicavam na situação dos exilados nos países de acolha ver o capítulo anterior.

volta, encontrar um outro Brasil, que não aquele das festas, do carnaval, da comida, foi um processo delicado para os meninos brasileiros.

Através das memórias dos pais, AM sentia uma enorme expectativa em relação ao Brasil. Incorporou, ainda pequena, o discurso de seus pais em relação ao país sem sentir que realmente tratava de algo que não conhecia:

“Todo lugar que a gente morava tinha mapa e globo, e eu mostrava o Brasil para as pessoas e dizia que na verdade aquele era o meu país, mas nunca tinha ido. Tinha muita música brasileira na minha casa, e muita expectativa sobre o país porque meus pais falavam demais do Brasil. Não sabia exatamente o que era o Brasil, mas de tanto me falarem, ficava com vontade de conhecer e já dizia que era meu país”<sup>102</sup>.

Denise Rollemberg destaca que na vivência das crianças houve em alguns casos uma falta de coerência dos relatos dos pais em relação ao Brasil, e o que elas mesmas experimentaram. Muitas fizeram visitas no período de férias, e viram um país bem diferente daquele retratado por seus pais no exílio. As histórias de perseguições policiais, de confrontos armados, ficavam para trás quando encontravam seus familiares e eram encobertos de carinho e mimos. Os avós, principalmente, eram os responsáveis pelas calorosas recepções<sup>103</sup>.

No entanto, nem todas as experiências foram assim. Mesmo com a curiosidade e o desejo de conhecer o Brasil, o primeiro contato de AM com o país, ainda no período da ditadura, foi muito negativo imbuído de medo e de estranhamento:

“Foi uma experiência muito ruim, tensa. Eu vim com documentação falsa, pois não podia entrar no Brasil, e aquilo tudo me assustava. Não tinha muita clareza dos fatos, mas sabia que não era bem vinda aqui (...) A minha visita foi horrível! O que me chocou foi a porcaria. As pessoas jogavam as coisas no chão, cuspiam. Eu nunca tinha visto isso. As pessoas na praia tomavam picolé e jogavam o palito e papel no chão, no caso, na areia. Aquilo não cabia na minha cabeça, nunca tinha visto nada parecido. A única coisa que gostei foi da praia, mas mesmo assim me chocava a sujeira. Tive episódios muito ruins, sentia muito medo. Quando eu fiquei na casa da minha avó no Rio, ela saía de noite para pichar os muros e me levava junto. Ela não usava jet de spray não, levava um balde de tinta e um rolo, e me deixava na esquina vigiando para ver se vinha polícia. Aquilo me assustava, porque a imagem que eu tinha da polícia era horrível pelo o que meus pais falavam. Eu ficava em pânico de noite vendo se a polícia ia aparecer. Uma vez um guarda parou a gente

<sup>102</sup> Entrevista de AM. *Loc. Cit.*

<sup>103</sup> Cf. Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p.222.

e discutiu com a minha avó, mas acabou liberando porque ela era idosa e estava com uma criança. Ela ficou furiosa de não ser levada a sério”<sup>104</sup>.

Quando chegou na Suécia, seus pais já organizavam a volta, e não contou muito do que viu para eles: “*Acho que eles só souberam dessas coisas mais tarde. Eu lembro de sentir um grande alívio quando voltei para Suécia. Estava voltando para casa*”<sup>105</sup>. Hoje AM avalia o período da transferência ao Brasil, e na sua percepção faltou uma estrutura para sua adaptação ao país:

“Eu senti falta de uma família ali do meu lado. Era eu e minha mãe, pois meus pais se separaram na Suécia, e nós passamos muito ‘perrengue’. Minha mãe não era formada, teve que procurar emprego. Nesse momento ela não podia ficar muito comigo, como na Suécia. Lá ela fazia faxina numa escola à noite e eu ia com ela. Ficávamos muito juntas. No colégio, me perguntavam onde eu morava, qual era o meu time de futebol, e eu não sabia responder nada. Nem sequer o que era um time de futebol”<sup>106</sup>.

FS passava suas férias de verão no Brasil com sua família em São Paulo, e percebe a ambigüidade dessa experiência:

“(…) voltei para o Brasil diversas vezes, sempre nas férias de verão. Nessas ocasiões, convivia com a família e ficava principalmente na fazenda no interior de São Paulo. Quando se conhece um país apenas nas férias sempre se guardam as melhores lembranças, mesmo assim não dava para deixar de notar os contrastes. O que mais me chocava era a miséria, os pedintes, as favelas... O medo que as pessoas tinham da polícia e dos soldados também me chocava. Foram muitos anos para deixar de ter uma descarga de adrenalina quando eu via uma batida policial. Outra coisa que chamava a atenção era o medo que as pessoas tinham de conversar política e a alienação geral da classe média em relação ao mundo. (...) Meus pais sempre nos passaram uma imagem do Brasil como um grande país, com um povo muito bom, mas ignorante e sofrido, governado por uma elite preguiçosa e corrupta. Essa é a imagem que eu ainda tenho do Brasil. Sempre fiz questão de viajar pelo Brasil e conhecer as pessoas mais simples de cada lugar. Com o tempo confirmei a visão de um país lindo, enorme, complexo, com um povo muito sofrido, porém muito mais sábio do que eu imaginava”<sup>107</sup>.

Depois das visitas chegava a hora da decisão: ficar nos Estados Unidos ou voltar para o Brasil. FS fez um processo diferente, pois voltou antes que seus pais. Sua aceitação na faculdade americana trouxe um momento de reflexão e de escolha:

---

<sup>104</sup> Entrevista de AM. *Loc. Cit.*

<sup>105</sup> Entrevista de AM. *Loc. Cit.*

<sup>106</sup> Entrevista de AM. *Loc. Cit.*

<sup>107</sup> Entrevista de FS. *Loc. Cit.*

“Quando fui aceito na universidade nos Estados Unidos meu pai me deu os parabéns e me disse que chegara a hora de tomar uma decisão importante. Se eu optasse por ficar nos Estados Unidos provavelmente constituiria uma família lá e dificilmente voltaria para morar no Brasil. Foi o suficiente. Nem esperei pelas respostas de outras universidades e voltei para o Brasil. Eu não tinha dúvidas de que queria voltar e achei que meu pai tinha razão. Se cursasse a universidade lá, dificilmente voltaria. Voltei e não me arrependo. Minha família voltou dois anos mais tarde”<sup>108</sup>.

A volta de RR esteve envolta de muita expectativa, mas nem tudo no Brasil foi o que ele esperava:

“Primeiro veio eu [sic], FR e minha mãe. Meus irmãos mais velhos ficaram e meu pai só veio depois. Já no aeroporto constataram que nós éramos diferentes e o nosso nome estava lá piscando no computador. Levaram a minha mãe para uma sala para conversar e nós ficamos preocupados, achamos que ela ia ser presa. Depois vieram com aquele papo ‘Boa tarde, sejam bem vindos ao Brasil’, mas logo perguntaram quando meu pai vinha”<sup>109</sup>.

O Rio de Janeiro era o lugar que RR e os irmãos queriam conhecer. A pequena estada na cidade foi suficiente para instigar o desejo de morar nela:

*“Nós fomos morar na Tijuca, na casa de uma tia, e, em dezembro, veio meu pai. Quando ele chegou deu a notícia que nós íamos para Belo Horizonte. Meu pai estava envolvido com a fundação do PDT desde o exílio. Quando veio a anistia, ele ficou incumbido de organizar a sede do partido em Minas. Mas eu e meus irmãos não queríamos morar em Belo Horizonte queríamos ficar no Rio. Chegamos em novembro, naquele ‘calorzão’ do Rio, era muito bom, muito diferente. Isso foi mais um terremoto na minha vida. Tive que ir morar em Belo Horizonte à força. A cidade há 25 anos atrás era um horror, uma cidade do interior. Quando eu cheguei lá, nos primeiros dias não parava de chorar. Achava a cidade chata, feia, suja. Daí veio aquele papo que meus pais sempre nos diziam nas eternas mudanças: ‘Vamos nos adaptar a realidade e parar de reclamar. Quando você tiver dezoito anos pode fazer o quiser, mas até lá tem que ficar aqui’. Aí começou tudo de novo: colégio, amigos...”<sup>110</sup>.*

A sensação da falta de escolha, e de um primeiro exílio, que Flavia havia sentido no período que seus pais decidiram morar no Brasil, parece ter sido a mesma percebida por RR quando obrigado a morar em Belo Horizonte. Talvez um exílio não seja a melhor expressão, mas certamente não havia passado por isso antes. Até então parecia não haver muita escolha para ninguém de sua família. O exílio no Chile, assim como a mudança para a França, não foram exatamente escolhas. Como relata PR, ninguém teve vontade de sair do

<sup>108</sup> Entrevista de FS. *Loc. Cit.*

<sup>109</sup> Entrevista de RR. *Loc. Cit.*

<sup>110</sup> Entrevista de RR. *Loc. Cit.*

Chile e ir para Europa<sup>111</sup>. Procurava-se sobreviver. No Brasil a situação já era diferente. O exílio tinha acabado, e a liberdade podia ser desfrutada. RR chegou adolescente e buscava independência dos pais. Pela primeira vez quis separar-se da família:

“No exílio nós éramos muito unidos, porque não havia mais ninguém. Separar ali podia significar a nossa desgraça. Tínhamos que estar juntos para sobreviver. Eu era muito pequeno, então nem tinha esse desejo. No Brasil já me sentia mais adulto. Toda essa experiência me fez crescer muito rápido. Achava que podia me virar sozinho. Pensava: ‘Pô [sic], se eu sobrevivi a tudo lá fora, consigo morar aqui muito bem sozinho’. Com meu pai não teve essa, somente depois dos dezoito”<sup>112</sup>.

FR vivenciou a situação oposta de seu irmão. No período que morou no Rio de Janeiro não gostou muito do que viu, e se decepcionou com a forma que os exilados eram vistos no Brasil:

“Eu fiquei muito entusiasmado com a vinda para o Rio, mas logo quando chegamos vi que a cidade não era muito a minha. Os exilados faziam sucesso na época, mas na verdade ninguém queria muito saber o que realmente aconteceu. Só queriam saber da moda do momento. Eu ia para a praia tentar conhecer gente, fazer amigos, mas era difícil. Queria conhecer as meninas do Rio, porque é importante dizer que houve uma onda de meninas que só queriam saber de ficar com exilados. A gente chamava de ‘exiletes’. Foi meio frustrante morar no Rio naquele período. Quando cheguei em Belo Horizonte me senti em casa. Era mais a minha cara. Uma cidade mais simples, com a minha família. Depois voltei pro Rio mais velho e hoje adoro a cidade”<sup>113</sup>.

A volta para o Brasil foi um momento aguardado por ZP, e ao que tudo indica ela encontrou o seu lugar:

“Queria voltar e muito, apesar de saber das dificuldades que teria de enfrentar (...) Um mês depois de chegar ao Brasil, fui trabalhar como estagiária no CIEP (Centro Integrado de Educação Pública), escolas que estavam sendo construídas pelo então Governador do RJ, Leonel Brizola. Tenho orgulho de dizer que foi Darcy Ribeiro (na época vice-governador) que me contratou, por isso, devo muito a ele a minha adaptação no Brasil. Pois, lá no CIEP fiz amizades que me acompanham até os dias de hoje. Além de ter sido uma aprendizagem o encontro com as crianças das favelas que freqüentavam a escola (Pavão, Pavãozinho e Cantagalo). Foi no CIEP que tive a certeza de ter escolhido a profissão correta: professora.

<sup>111</sup> Entrevista de PR. *Loc. Cit.*

<sup>112</sup> Entrevista de PR. *Loc. Cit.*

<sup>113</sup> Entrevista concedida a Tatiana Paiva em Paris no dia 08 de dezembro de 2005.

Apesar de ter demorado muito a reconhecerem o meu diploma de graduação e de mestrado, tenho orgulho de minha formação”<sup>114</sup>.

O exílio terminava e a ditadura também chegava ao fim. De volta ao Brasil, os exilados reiniciavam o processo que muitos fizeram mais de uma vez. Os significados da volta eram muitos e plurais. Dificilmente poderíamos atribuir apenas um sentido para esse período, uma vez que as experiências no exílio foram distintas. Para os meninos que cresceram em países desenvolvidos, os contrastes com o Brasil foram sentidos desde o primeiro contato. Era uma mudança radical em suas vidas. A maioria dos entrevistados destacou como elementos de maior estranhamento a sujeira e o barulho das cidades. O clima e a maneira que os brasileiros de relacionavam também foram percebidas como algo muito diferente.

Os deslocamentos para uns terminavam, mas para outros algumas mudanças ainda iriam acontecer. As dificuldades que os pais enfrentaram no Brasil foram absorvidas pelos filhos de forma mais clara. Chegavam mais crescidos e compreendiam os problemas de uma nova adaptação. A falta de emprego, problemas com aluguel, a rejeição de alguns parentes, e especialmente um processo muito vivido na época, o divórcio dos pais, fizeram parte de suas vivências. Importante destacar que esses aspectos não estiveram presentes na experiência de muitas crianças durante o exílio. Dificuldades como essas compuseram as experiências dos pais em terras estrangeiras, e em alguns casos foram mais árduas do que no Brasil. No entanto, as crianças não absorviam tais aspectos ou por serem muito pequenas, ou por terem selecionado em suas memórias as situações mais agradáveis. Priscila Arantes declarou que só tem lembranças boas da infância, “*O que era ruim eu não me lembro, resolvi não lembrar*”<sup>115</sup>. MG recorda sua experiência a partir do período em que estavam já adaptados em Cuba. O que foi vivido antes ele diz não ter registro: “*Minha memória dá saltos gigantesco*”<sup>116</sup>.

No Brasil, os meninos de então retornavam, ou chegavam, crescidos. Mesmo os que eram menores já tinham uma idade que possibilitava reflexões sobre a experiência vivida e sobre os novos rumos de suas trajetórias. No próximo capítulo investigaremos de que forma a experiência do exílio repercutiu na vida dos filhos de exilados. Será explorado como os

---

<sup>114</sup> Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

<sup>115</sup> 15 Filhos. Direção: Marta Nehring e Maria Oliveira. Vídeo (Hi-8). Duração: 20 minutos. São Paulo, 1996.

<sup>116</sup> Entrevista de MG. *Loc. Cit.*



elementos desta vivência foram absorvidos por aqueles que são aqui identificados como *herdeiros de exílio*, e ainda o que eles herdaram.